



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
UFFS CAMPUS CERRO LARGO/RS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEPG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* –
ESPECIALIZAÇÃO EM INTERDISCIPLINARIDADE E PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
UM OLHAR PARA A MÚSICA E A INTERDISCIPLINARIDADE**

Carla Adriana Machado

Cerro Largo, RS, Brasil

Maio/2013

Dedico este trabalho

À minha FAMÍLIA

Pelo amor, carinho, incentivo, apoio e compreensão...

Agradecimentos

Agradeço ...

- ... À Deus pela força e sabedoria que me deu durante a minha vida e a realização desta Especialização;
- ... Ao amor da minha vida, minha querida e amada filha Laurinha, que sempre esteve comigo, minha maior motivação e razão de ser;
- ... À minha família pelo amor incondicional, compreensão nos momentos distantes, de escrita e de grandes dificuldades;
- ... Ao meu marido Vanderlei, pelo amor, pela paciência e companheirismo todos os dias;
- ... Ao meu querido orientador “Profe e Amigo Deniz” pela oportunidade, confiança, ensinamentos, conversas, amizade, exemplo de dedicação e profissionalismo;
- ... Aos meus queridos amigos e colegas de curso, com os quais pude contar, discutir, aprender, ris, brincar, dividir, sonhar e “INTERDISCIPLINAR”;
- ... À UFFS, pela oportunidade de poder cursar esta Especialização, em “casa” em uma instituição pública;
- ... A todos os professores do curso, pela dedicação, experiência, conversas, apoio, aprendizado;
- ... A todos e todas que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida durante o desenvolvimento deste estudo.

MUITO OBRIGADA!!!

O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR PARA A MÚSICA E A INTERDISCIPLINARIDADE

Carla Adriana Machado

Monografia apresentada para a Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS/Cerro Largo/RS, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica.

Orientador **Prof. Dr. Deniz Alcione Nicolay.**

Cerro Largo, RS

Maio/2013

RESUMO

Monografia de Especialização
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPEPG
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
UFFS CAMPUS CERRO LARGO/RS

O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR PARA A MÚSICA E A INTERDISCIPLINARIDADE

Autora: Carla Adriana Machado
Orientador: Prof. Dr. Deniz Alcione Nicolay.
Cerro Largo, 29 de Maio de 2013.

A presente monografia foi desenvolvida como parte do Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo. O objetivo geral foi conhecer de que forma vem acontecendo o trabalho com Arte e Música em escolas de Educação Básica. Buscou-se, através da leitura de pesquisas já realizadas, cujas temáticas envolvem o ensino de Artes, Música e Interdisciplinaridade, refletir e entender ensino da Arte, especialmente envolvendo Música, como um trabalho de relações entre linguagens ou como um processo de Interdisciplinaridade. Trago também algumas considerações acerca do processo de implementação da Lei 11.769/08, que determina a Música como conteúdo obrigatório nas escolas de Educação Básica e está no componente curricular Arte.

Palavras-chave: Ensino de Artes, Música, Interdisciplinaridade, Educação Básica

ABSTRACT

Monograph Specialization
**PRO-REGENTS OF RESEARCH AND GRADUATE - PROPEPG FEDERAL
UNIVERSITY OF SOUTH BORDER
UFFS CAMPUS CERRO LARGO / RS (Brazil)**

TEACHING ART IN BASIC EDUCATION: A LOOK TO THE MUSIC AND INTERDISCIPLINARITY

Author: Carla Adriana Machado
Advisor: Prof. Dr. Deniz Alcione Nicolay.
Cerro Largo, May 29, 2013.

This monograph was developed as part of the Post Sensu Lato - Specialization in Interdisciplinary and Pedagogical Practices in Basic Education, Federal University of South Border, Cerro Largo Campus. The overall goal was to learn how the work is happening with Art and Music in Elementary Education schools. Sought through the reading of previous studies whose themes involve the teaching of Arts, Music and Interdisciplinarity, reflect and understand the teaching of art, especially involving music, as a work of relationships between languages or as a process of interdisciplinarity. Bring also some considerations about the implementation process of the Law 11.769/08, which determines the Music as mandatory content in schools of Basic Education and the curriculum component is Art.

Keywords: Teaching Art, Music, Interdisciplinary, Basic Education

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 01 |
| O TEMA E A PESQUISA NO ENSINO DE ARTES..... | 04 |
| O ENSINO DE ARTE, A MÚSICA E A INTERDISCIPLINARIDADE..... | 10 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 16 |
| REFERÊNCIAS..... | 19 |

*Pesquisar é ver o que outros viram,
e pensar o que nenhum outro pensou.*

(Albert Szent-Gyorgyi)

INTRODUÇÃO

Chego a uma nova etapa de minha vida profissional em que me encontro na Academia envolvida num universo de velhos problemas da escola e novas e desafiadoras descobertas. Sinto que trazer presente nesta pesquisa a minha trajetória, momentos que foram experiências formativas em minha vida, justifica a busca pelo desafio a que me dispus. Ivani Fazenda¹, que pesquisa a Interdisciplinaridade desde a década de 80, nos fala que o professor precisa esforçar-se na direção do autorreconhecimento². A pesquisadora sempre assegurou a importância de saber de si e da própria história para mergulhar nas emoções que tais lembranças provocam. Por isso, trago alguns caminhos percorridos até aqui e que me são inspiradores para pensar em investigar algumas questões com relação ao ensino de Arte, de Música e de Interdisciplinaridade.

Alguns tons da minha trajetória

A Arte, em especial a Música, esteve presente em minha vida desde sempre. Meus avôs tocavam gaita ponto e meu bisavô materno era artista circense. Nasci em uma noite fria de maio, segundo minha mãe, à meia-noite, na cidade de Cerro Largo, interior do Rio Grande do Sul. Meu pai só me conheceu pela manhã, pois estava animando um baile com seu grupo musical em outro município. Músico sem formação, mas isso permitiu complementar a renda da família durante muitos anos. Uma vida difícil e por muitos discriminada, muitas vezes, longe de casa... Assim, eu, minha irmã e meu

¹ Pesquisadora reconhecida internacionalmente e que nos foi apresentada nas aulas de **Interdisciplinaridade: teoria e prática pedagógica** pelo Prof. Dr. Deniz Alcione Nicolay

² Assunto discutido a partir dos diversos textos da autora e também pelas colocações do Prof. Dr. Deniz Alcione Nicolay nas aulas de **Interdisciplinaridade: teoria e prática pedagógica**

irmão, estes mais novos do que eu, crescemos em meio a instrumentos musicais, a vozes e a idas e vindas de nosso pai.

Além da minha paixão pela música desenvolvi, também, o desenho e a interpretação. Cursei toda a Educação Básica em escolas particulares, graças às bolsas que me foram concedidas em troca de algumas horas de dedicação semanal a serviço das mesmas. Sempre participei de todas as atividades artísticas nos colégios e fora deles. Cantava, “arranhava” meu violão, atuava em peças teatrais e criava cartazes para divulgar os eventos. O primeiro festival da canção do qual participei foi na escola, quando eu tinha 8 anos. Cantei e toquei, conquistando o 1º lugar. Deu-se início a uma fase maravilhosa e de grande aprendizado na minha vida.

No ano de 1989, quando estava concluindo o Ensino Médio, era hora de decidir o que fazer, qual profissão seguir. Momento difícil quando se está com 16 anos. Hoje estou certa de que ter acompanhado as dificuldades que meu pai enfrentava como músico me fez optar em seguir em outro caminho das Artes e não da Música. Naquele ano, fui aprovada no vestibular para o curso de Design/Habilitação em Programação Visual na UFSM. Em 1996, após dois anos de formada, trabalhando em Santa Rosa, pretendia continuar meus estudos mas aí nasceu minha filha Laura.

Em 2001, já residindo novamente na minha cidade natal, retornei ao Colégio La Salle Medianeira, para assumir o cargo de professora de Artes, nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, onde continuo até hoje. Foi meu primeiro passo na carreira do magistério. Desde então, tenho me mantido em constante formação, fazendo cursos ligados à área da educação e também à de Artes.

No início foi uma árdua tarefa. Sabia que deveria envolver as quatro vertentes da Arte nas aulas: Música, Teatro, Dança e Artes Visuais. A minha experiência de vida me auxiliou a desenvolver esses trabalhos, mesmo tendo formação vinculada à área das Artes Visuais.

Em 2004, assinei um contrato na Rede Estadual de Ensino, para dar aulas no Colégio Estadual João de Castilho, de Salvador das Missões, onde continuo trabalhando nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. É uma realidade diferente da que vivo na escola particular. A cada mudança de governo entram novas regras e novas políticas pedagógicas que

devemos seguir. Esse fato, em muitos momentos, impede a continuidade de trabalhos que estejam surtindo um resultado positivo com os alunos.

Ao longo desses anos, mantive sempre minha vida artística, especialmente na Música. Toda a performance dos eventos musicais, o palco, as bandas, as luzes, o público, está intimamente relacionada à minha prática pedagógica em sala de aula. Sempre fui uma pessoa que preferiu ouvir mais e falar menos. Talvez pelo fato de me apresentar em eventos desde a infância, era mais fácil para as pessoas me reconhecerem e iniciarem um diálogo. Mas, ao pisar em um palco, as palavras vêm naturalmente, o que me faz sentir extremamente à vontade em contato com o público. Em sala de aula acontece uma relação semelhante com os alunos. A vida artística me aproximou das crianças e dos jovens desde o início de minha carreira docente, o que, de certa forma, torna o diálogo mais interessante e fácil. A Arte, especialmente a Música, é um elo muito forte entre mim e meus alunos.

De volta à Universidade

Os desafios enfrentados em minha atividade profissional, nas escolas, (re)acenderam um desejo antigo: o de realizar uma Pós Graduação. Com minha filha crescida e já às vésperas de ingressar na universidade, senti chegado o momento de ampliar e qualificar meus conhecimentos, retornando à Academia. A oportunidade de voltar à sala de aula como aluna, através da Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica na UFFS em Cerro Largo, no ano de 2011, foi um marco positivo na minha carreira docente e me impulsionou para mais um curso, o Mestrado em Educação na UFSM. Decidida a manter minha formação continuada, inseri-me em um mundo de descobertas, de interação e também de contato com as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no campo da Educação, especificamente na área da Arte, da Música e da Interdisciplinaridade.

O TEMA E A PESQUISA NO ENSINO DE ARTES

O caminho percorrido e relatado até aqui, me fez pensar a pesquisa vinculada à Arte, à Música e à Interdisciplinaridade, sendo essa última o foco do curso de Especialização. Afinal, durante os meus anos de atividade como professora de Artes na Educação Básica, precisei e procurei diversificar meu trabalho com os alunos, buscando características interdisciplinares.

São muitas as formas de ensinar e de aprender. Ao pensar no ensino de Arte pela Interdisciplinaridade, as possibilidades aumentam consideravelmente. É possível apontar como um dos objetivos central do ensino de Arte na Educação Básica a busca pela ampliação do universo cultural do aluno. Para Guerson (2010), a Arte é singular e também plural, ou seja, possui caráter único e múltiplo, mas esses aspectos não se diferenciam muito de outras áreas, pois essas, geralmente, se constituem nas complexidades dos limites e das generalidades. A autora completa dizendo que

[...]os campos de conhecimento se desdobram entre si, por um natural diálogo interdisciplinar; ligam-se na justificativa de algo maior do que suas delimitações, ou seja, a existência humana, entre natureza, sociedade e cultura. O caráter múltiplo das Artes decorre de suas diversificadas formas de manifestação ou subáreas: Artes Visuais, Audiovisuais, Teatro, Dança, Música e Literatura, mas cada qual possuindo conteúdos próprios, pois multiplicidade difere de polivalência. (GUERSON, 2010, p.11)

Podemos perguntar qual o motivo de trabalharmos Arte e a Interdisciplinaridade na Educação Básica, tratando, aqui, especificamente das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, e buscar respostas por meio de outros questionamentos. Será possível compreender uma obra de Arte, independentemente da linguagem (Música, Artes Visuais, Dança, Teatro), sem um conhecimento acerca de quem a produziu e em qual momento histórico? Qual a importância dessa obra para a sociedade desse artista e qual sua contribuição para a contemporaneidade? A que se refere essa obra, o que ela traz sobre a sociedade atual, na qual está inserido nosso aluno?

Percebemos a dificuldade de se avaliar uma obra sem buscar informações e sem conhecer o que a permeia e o meio no qual o artista está inserido. Podemos entender, assim, que o educador cujo compromisso é trabalhar as diversas linguagens de Artes na Educação Básica, deve conhecer, além dos conteúdos específicos, um pouco da história política e social da época em que viveram os artistas, ter conhecimentos de antropologia, de sociologia, de arqueologia e de história. O professor de Artes deve estar em constante processo de atualização, de estudo e de pesquisa, pois essa é uma área da educação muito ampla e cheia de particularidades. Acerca disso, cito Franz (2003), que comenta

Nesta perspectiva, também a educação artística para a compreensão exerce um papel fundamental, uma vez que uma obra de arte pode servir de tópico gerador para realizar estudos que visem a desenvolver elevados níveis de reflexão e compreensão sobre arte, história, antropologia e sobre a vida individual e social dos educandos. Partimos da crença de que o papel da escola, numa perspectiva de educar para a compreensão, deve ser também o de levar em conta as tensões que cercam o mundo dos estudantes e que acabam por impregnar também sua biografia (FRANZ, 2003, p. 142).

Trago uma citação de Barbosa (2003) que diz “A interdisciplinaridade não parece ter uma definição estanque, a cada texto novo que leio, a cada pesquisa que encontro, vislumbro um novo aspecto, uma nova definição.” (p. 105). Relacionando essa fala com meu problema de pesquisa, penso na constante transformação do universo das Artes (novos artistas, novas técnicas e linguagens...), especialmente da Música. Transformação essa que entra na escola e invade as salas de aula, principalmente, através dos alunos, que nos colocam em contato com suas preferências musicais, seu estilo de vestir, sua cor preferida, seus ídolos.

A Interdisciplinaridade, no campo da educação, vem sendo discutida por diversos autores, principalmente por aqueles que pesquisam as teorias curriculares e as epistemologias pedagógicas. Esses autores apontam a Interdisciplinaridade como uma forma de articulação no processo de ensino e de aprendizagem. Cito alguns desses pesquisadores: Japiassu (1976), que vê a Interdisciplinaridade como um pressuposto de organização curricular;

Fazenda (2002), que a apresenta como uma atitude; Pimenta (2002), que a coloca como um elemento orientador na formação de professores; Gadotti (2004) a considera um fundamento para as opções metodológicas do ensinar e Morin (2005), que a conceitua como um novo jeito de repensar a educação. Para Fazenda (2008), o processo interdisciplinar “desempenha um papel decisivo no sentido de dar corpo ao sonho de fundar uma obra de educação à luz da sabedoria, da coragem e da humanidade.” (FAZENDA, 2008, p.8).

A partir desse olhar da Interdisciplinaridade, questões associadas ao ensino de Arte e aos professores que têm o compromisso de trabalhar seus conteúdos me fazem refletir e questionar: Como está o ensino de Artes nas escolas de Educação Básica? Como andam as pesquisas realizadas envolvendo Arte e Interdisciplinaridade? E com relação à Música na Educação Básica, qual a situação? Nós, professores de Artes, estamos preparados para os desafios aos quais somos expostos nas nossas práticas profissionais?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96-orienta a organização da educação, desde a Educação Infantil até a Pós-graduação, em níveis, etapas e modalidades educacionais. De acordo com essa Lei, a educação escolar subdivide-se em dois níveis de ensino: a Educação Básica e o Ensino Superior. Nesse contexto, o Ensino de Arte (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança) é obrigatório no ensino brasileiro. Contudo, no momento, temos a Lei 11.769/08, que determina a Música como conteúdo obrigatório nas escolas de Educação Básica e está no componente curricular Arte. Mesmo sendo uma pessoa que sempre teve a Música presente de diversas formas em minha vida, me senti desafiada, e também apreensiva, a partir da implementação dessa Lei.

É fato que na grande maioria das escolas públicas de Educação Básica um número reduzido de professores está atuando com formação na área de Artes. A situação das escolas públicas estaduais do meu município, Cerro Largo, é um exemplo concreto. Existem quatro escolas, sendo uma de Educação Básica e as outras três de Ensino Fundamental. Nessas instituições, todas as aulas de Artes estão sendo trabalhadas por professores com formação nas mais diversas áreas como Ciências, Letras, Matemática entre outras, mas nenhum professor que atua tem formação em Artes. No Brasil, a atual LDB nº. 9.394/96 estabelece que: “A formação de docentes para atuar na

educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura” (Brasil, 1996, art. 62), mas, pelo que podemos observar na prática e nas pesquisas, a realidade é outra.

Assim como em qualquer outro meio, na escola sempre há dificuldades, carências físicas, estruturais e, principalmente, humanas. Faltam professores de muitas áreas. Então, alguns docentes são remanejados para atuar em áreas para as quais nem sempre têm formação. Essa é a realidade em grande parte das escolas de Educação Básica. Pesquisas apontam ser fácil encontrar professores, com formação em uma área específica das Artes, vivendo o compromisso de trabalhar com todas as linguagens indicadas pelos PCNs (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro). A questão fica mais delicada quando o professor é formado em outra área do conhecimento e se encontra assumindo aulas de Artes apenas para ter regência de classe e cumprir a carga horária mínima referente ao seu contrato profissional. Trazendo especificamente a questão da Música, Penna (2004) já havia detectado que esse ensino ainda estava submetido à multiplicidade das Artes. Destacava ainda que a Música era uma presença frágil e inconstante na prática escolar e, na maioria das vezes, trabalhada por professores sem formação específica. Essa ainda é a realidade que vivemos hoje em nossas escolas de Educação Básica, mesmo após 4 anos e meio de implantação da Lei 11.769/08. Essa Lei foi aprovada no dia 18 de agosto de 2008, alterando o art. 26 da LDB 9.394/96, inserindo o § 6º que faz referência à obrigatoriedade do ensino do conteúdo de Música em todas as escolas de Educação Básica do Brasil.

Considerando o ensino de Arte em sua acepção mais ampla, Barbosa, já em 1985, observara que, em nossas escolas, existem professores despreparados e obrigados por leis a “ensinar Arte”. Essa pesquisadora e arte-educadora brasileira destaca que a própria história da educação no Brasil é repleta de influências e de dependência cultural. E completa dizendo que, em um país econômica e politicamente dependente, toda a forma de organização educacional é reflexo dessa situação.

Bellochio (2000) comenta que, na década de 60, as atividades artísticas escolares eram realizadas sem muita preocupação pedagógica e para com os processos de desenvolvimento artístico dos alunos. Estes podiam trabalhar livremente, e, assim, qualquer professor poderia realizar esse trabalho.

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5.692/71, surge a disciplina de Educação Artística, instaurando-se a polivalência do ensino das Artes. Bellochio (2000) ressalta que a nova disciplina exigia também novos professores. Isso trouxe, em 1973, a criação dos cursos superiores de Educação Artística, de Licenciatura Curta e Plena. Para ela, houve um aligeiramento profissional, com a liberação dos diplomas em dois anos para quem optasse pela Licenciatura Curta. Isso acarretou sérios problemas nas décadas de 80 e 90. Questiona-se a qualificação desses professores para o trabalho em sala de aula.

As mazelas da polivalência proposta pela Lei 5.692/71, sob a denominação de Educação Artística, mesmo com uma nova LDB, se entregam no cotidiano da sala de aula, praticamente em todos os níveis da escola básica. O que percebo é que houve um esvaziamento de conteúdos no campo das artes, o que conduziu gradativamente a uma interpretação de que o ensino da arte é qualquer coisa que deixe a aula mais descontraída e feliz. (BELLOCHIO, 2000, p.93)

Com relação à Música, Penna (2002) já apontava uma ausência expressiva de professores com essa formação em escolas de Educação Básica. A autora expõe que muitos professores de Música preferem atuar em escolas específicas ou universidades, pela questão salarial e também por serem menos desafiadoras do que as escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Outra questão relevante, que ela nos traz, é que existe uma desvalorização do magistério ampla e geral, o que afeta toda a área de Arte e não só a do ensino de Música.

Considerando esse assunto da depreciação, nós, professores de Arte, independentemente da linguagem, temos, pelo menos, breve conhecimento da visão, ou do conceito que os alunos fazem das nossas aulas. Alguns gostam porque podem conversar durante as atividades, ou então porque conseguem descansar entre uma aula de Matemática e outra de Português. Outros acham uma perda de tempo, consideram nossas aulas sem importância para suas vidas e detestam quando precisam ousar em seus trabalhos ou conhecer um pouco sobre a história da Arte.

É possível afirmar que a Arte, em todas as suas linguagens, inclusive a Música, está nas escolas, e que, em muitas dessas instituições, os profissionais que possuem a responsabilidade de trabalhá-la, em sua maioria, não são especializados. Mas existem muitas questões com relação ao ensino de Artes, em um contexto interdisciplinar, principalmente envolvendo Música, que despertam interesse. Desde a aprovação da Lei 11.769, em 2008, e a alteração da LDB 9.394/96, em seu artigo 26, que determina a Música como conteúdo obrigatório na Educação Básica, discussões vêm sendo realizadas acerca das possibilidades de inserir a Música na escola. Muitas vezes surgem dúvidas que levam a questionamentos: em que momento a Música está presente na Escola de Educação Básica? A Música faz parte das aulas de Arte? Qual profissional vem realizando esse trabalho? Qual professor está preparado para ensinar o conteúdo Música? As escolas devem contratar professores de Música e adquirir instrumentos musicais para atender a lei?

Este trabalho traz um pouco dessas preocupações registradas em algumas pesquisas realizadas cujas temáticas envolvem o ensino de Artes, de Música e de Interdisciplinaridade na Educação Básica. Elas levam a refletir sobre as hipóteses de entender ensino da Arte, especialmente envolvendo Música, como um trabalho de relações entre linguagens ou como um processo de Interdisciplinaridade. A partir de leituras realizadas, das experiências vivenciadas em sala de aula e também de conversas informais com colegas professores que possuem o compromisso de trabalhar o conteúdo de Música nas aulas de Artes, apresento meu problema de pesquisa: Conhecer como vem acontecendo o trabalho com Arte e Música em escolas de Educação Básica?

O ENSINO DE ARTE, A MÚSICA E A INTERDISCIPLINARIDADE

A partir da década de 1970, na Lei de Diretrizes e Bases n.º 5.692/71, a Arte foi incluída como obrigatória no currículo escolar, mas como “atividade educativa” e não disciplina, sendo chamada de Educação Artística. O parecer 540/77 esclarecia que a Educação Artística não era matéria, que respeitaria as tendências e que a livre-expressão deveria ser utilizada; mas nem por isso deixaram de ser exigidos os planejamentos com objetivo, conteúdo, método e avaliação. A Educação Artística se diferenciou das demais disciplinas do currículo, e seu conteúdo não recebeu a devida atenção em documentos. Mesmo assim, essa obrigatoriedade foi considerada um avanço, principalmente pelo fato de que houve uma percepção em relação à Arte na formação dos indivíduos. Como muitos professores não estavam habilitados e preparados para o domínio de várias linguagens (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas), o resultado foi contraditório. Um processo de elaboração de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação se iniciou em dezembro de 1988. Após oito anos de debates, a nova Lei de Diretrizes e Bases foi sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo Ministro da Educação Paulo Renato, em 20 dezembro de 1996. A nova lei regulamentou o ensino em todo o país, estabelecendo diretrizes para os currículos em seus três níveis de ensino: Fundamental, Médio e Superior. Os dois primeiros são chamados de Educação Básica, que inclui ainda a educação infantil, as creches e as pré-escolas (BRASIL, 2007).

A LDB considerou responsabilidade da união formular diretrizes norteadoras dos currículos e seus conteúdos mínimos, o que exigiu a elaboração de um currículo nacional. Dessa forma, o Ministério da Educação, juntamente com as Secretarias de Educação, elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento que ampara as políticas do MEC. Os PCN compõem-se de uma coleção para o Ensino Fundamental, para o Ensino Médio e para a Educação Especial.

A partir dos PCN, elaborou-se o PCN-Arte, específico sobre o ensino da Arte. Traz-se, aqui, alguns artigos da LDB n.º 9.394/96, que se relacionam ao

ensino da Arte: o art. 24, parágrafo IV, do capítulo II - Da Educação Básica, na Seção I, sobre as Disposições Gerais, coloca que o ensino da Arte deve estar presente na Educação Básica, assim como a disciplina de língua estrangeira ou outros componentes curriculares, contudo, “poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares” (BRASIL, 2007). O Art. 26, parágrafo II, destaca que “O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 2007). Assim, a disciplina de Arte deixou de ser uma atividade artística do currículo e passou a fazer parte deste como área de conhecimento. O documento ressalta que o ensino da Arte deve estar presente tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, contribuindo para a compreensão da sociedade e para a formação do cidadão.

No Brasil, ressaltamos dois documentos que trazem questões referentes ao ensino da Arte: as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). As Diretrizes apresentam os princípios, fundamentos e os procedimentos que devem orientar as escolas brasileiras em relação à organização, ao desenvolvimento e à avaliação de suas propostas pedagógicas (BRASIL, 2007a). Já o PCN traz a proposta para o ensino da Arte como área de conhecimento de acordo com a LDB. A Arte visa “desenvolver o pensamento artístico”, fazendo com que o aluno amplie “a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação”. Ressalta ainda que “aprender Arte envolve basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles” (BRASIL, 2000, p.15). Esses três pontos, conhecidos como a proposta triangular, foram demonstrados pela arte-educadora Ana Mae Barbosa na década de 80, que é reconhecida nacional e internacionalmente, inclusive discutindo também acerca da Interdisciplinaridade.

Quando a Educação Artística passou a fazer parte do currículo com a Lei n.º 5692/71, apresentando a inclusão dos conteúdos de Música, Teatro, Dança e Artes Plásticas no Ensino Fundamental e no Médio, percebeu-se que o professor de Arte não estava preparado para essa forma de ensinar. Chegada a década de 1980, quando a Arte se torna área de conhecimento, as décadas seguintes abrem novos debates, destacando-se o conteúdo a ser ensinado nas

aulas de Arte e a formação do professor de Arte. Por outro lado, o DCN, mais um importante documento elaborado após a LDB 9494/96, não apresenta imposições legais no que diz respeito ao direcionamento teórico metodológico, oportunizando liberdade às instituições de ensino. Considerando essa questão e pensando especialmente na Música, não existem garantias de que ela realmente esteja sendo trabalhada em sala durante as aulas de Arte.

Pesquisas vêm sendo desenvolvidas no espaço da escola de Educação Básica acerca do Ensino de Arte e também da Música especificamente. Com relação à Arte, trago Marostega (2006), Barbosa (2008), Dalla Valle (2008), Taschetto (2009) e Ferreira (2012). Marostega (2006) buscou contribuir com o debate atual sobre o currículo de Artes Visuais nas escolas de Ensino Médio. Os sujeitos da pesquisa foram professoras do ensino de Artes Visuais do Ensino Médio, tendo como espaço de pesquisa escolas estaduais e particulares da cidade de Santa Maria/RS. Constatou-se que existem diferentes concepções e práticas curriculares, interconectando saberes e fazeres artísticos, educacionais e sociais. Verificou-se que a maioria das professoras pesquisadas desenvolve um ensino de Artes Visuais dentro da concepção curricular crítica, mas reprodutivista, entretanto seus currículos em ação, ainda sustentam práticas de caráter não-crítico, tanto com enfoques tradicionais, como progressistas ou tecnicistas. Isso configura uma práxis eclética, onde essas professoras, mesmo com traços não-críticos, também se abrem a novas possibilidades. As teorias não-críticas aceitam os conhecimentos e os saberes dominantes e preocupam-se em transmiti-los. Para as teorias críticas, o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos para compreender o que o currículo faz. Já Barbosa (2008) objetiva fazer reflexões teórico-práticas da Arte, do Meio Ambiente e da Formação Continuada de Professores de Artes Visuais, tendo presente as metodologias educativas no Ensino de Artes Visuais frente às questões contemporâneas da ambiência cotidiana da Cidade de Santa Maria/RS. A pesquisa foi realizada na Casa de Cultura, localizada na praça Saldanha Marinho, deslocando-se para duas escolas da cidade, uma estadual e outra municipal. Essa pesquisa aponta para uma abertura no campo das Artes dentro da escola, que não oferece meios necessários para um satisfatório trabalho dos professores de Arte. Em Dalla Valle (2008) encontramos uma pesquisa

cujo objetivo principal foi analisar como se configuram as Representações Sociais do professor de Artes Visuais no Ensino Médio e sua relação com a construção do conhecimento artístico do aluno. A pesquisa foi desenvolvida em seis escolas de Ensino Médio de Santa Maria/RS – três escolas públicas e três privadas. Através dos relatos das entrevistas constatou-se que as representações atribuídas ao professor de Artes Visuais, por ele mesmo e por seus alunos, apresentam algumas divergências e compreendem aspectos estereotipados em sua constituição. As representações sociais e sua capacidade de influência nas relações de aprendizagem tornaram-se evidentes pela contextualização da ação docente regidos por critérios e modelos sociais, questões valorativas e de poderes de aquisição dos saberes. Taschetto (2009) traz como objetivos da pesquisa transitar pelas narrativas docentes relativas às suas memórias enquanto professoras do contexto rural e compreender como as docentes de Artes Visuais trabalham com a visualidade rural no espaço pedagógico. Na pesquisa de Ferreira (2012) a proposta foi problematizar as experiências de quatro professoras, sendo uma pedagoga de educação infantil, duas pedagogas dos anos iniciais e uma professora licenciada em Educação Artística. Buscou-se um diálogo entre a experiência dessas professoras e a Arte contemporânea. Esse estudo decorre da necessidade de se pensar um processo formativo que contemple as questões da contemporaneidade no que se refere à Arte e à educação.

A respeito do ensino de Música cito Penna (2002, 2004), Arroyo (2003), Del Ben (2005), Hirsch (2007), Subtil (2009), Sebben (2009), Wolffenbüttel (2009), Amaral (2010b) e Ahmad (2011). Elas discutem como a Música está presente na escola de Educação Básica, quando e de que forma. Destaco Penna (2002, 2004) e Subtil (2009) que, em suas pesquisas, sinalizam a falta de profissionais especializados no Ensino de Arte e Música atuando nos espaços da escola de Educação Básica. O trabalho de Penna (2002) analisa a educação musical nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, tomando como base os dados de pesquisas de campo, realizadas entre 1999 e 2002, com professores de Arte nas escolas públicas da Grande João Pessoa, PB. Os dados apontam que a música não está conseguindo ocupar realmente o espaço que poderia ter na Educação Básica, ampliando o alcance e a qualidade da vivência musical dos alunos: “é bastante elevado o índice de

professores com formação em Educação Artística, mas extremamente reduzido o número de professores com habilitação em música.” (Penna, 2002, p. 07.). Já em 2004, a autora apontava que desde a década de 1970 não há garantias formais para o ensino de música, em sua especificidade, na Educação Básica. Mas coloca que, “mesmo assim, de acordo com as leis educacionais, a música é uma dentre as demais linguagens artísticas que podem ser trabalhadas na escola pelo componente curricular de Arte.” (Penna, 2002, p.08).

Pelo que se percebe, mesmo com a Lei 11.769/08, a que orienta a Música como conteúdo obrigatório na Educação Básica, é assim que continua sendo. Em Subtil (2009), temos uma pesquisa realizada em escolas públicas estaduais de uma cidade no interior do Estado do Paraná. Esse trabalho revelou a falta de formação específica dos professores, a ausência de um conceito do trabalho artístico e uma redução no encaminhamento do trabalho com Arte na escola. A intenção era entender como as políticas educacionais se objetivam realmente. Nessa pesquisa a visão da Arte como atividade, polivalência e livre-expressão apresenta os resquícios da Lei 5.692/71.

Em Hirsch (2007) podemos encontrar como a Música está presente nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio das escolas da rede municipal de ensino de Pelotas, RS. Wolffenbüttel (2009) investigou como a Música se insere no projeto político pedagógico escolar, considerando a rede municipal de ensino de Porto Alegre,RS. A pesquisadora buscou analisar a presença da Música no projeto político pedagógico, identificando como, onde, quando e por quem o ensino de Música é definido, planejado, implementado e desenvolvido no projeto político pedagógico. Também analisou metas e objetivos da Música na escola e sua articulação com as finalidades expressas no projeto político pedagógico. Já Amaral (2010) traz narrativas docentes do processo identitário de professoras de Arte do sudoeste do Paraná. Ele problematiza a formação e atuação dessas profissionais, suas visões sobre as diversas linguagens artísticas, a possível abordagem dos conteúdos de música pelo professor/a com formação em Artes Visuais e questões focadas na Lei 11.769/08. Em Ahmad (2011) encontramos uma investigação da presença/ausência da Música nas escolas municipais de Ensino Fundamental da cidade de Santa Maria. A pesquisadora visava a conhecer as possibilidades para a implementação da Lei 11.769/08 nessas escolas.

É possível dizer que a Arte e a Interdisciplinaridade estão intimamente ligadas, pois a primeira auxilia na integração do homem com o seu universo. Aponto também que a Arte caminha na Interdisciplinaridade por sua natureza reflexiva com relação ao conhecimento. Analisando a relação Arte e Interdisciplinaridade no contexto escolar, é possível notar que a disciplina de Arte pode ser muito significativa no processo da percepção das fronteiras entre as áreas do conhecimento. Trazendo Fusari e Ferraz (1993), temos

O espaço da arte-educação é essencial à educação numa dimensão muito ampla, em todos os seus níveis e formas de ensino. Não é um campo de atividades, conteúdos e pesquisa de pouco significado. Muito menos está voltado apenas para atividades artísticas. É um território que pede presença de muitos, tem sentido profundo, desempenha papel integrador e plural e interdisciplinar no processo formal da educação. Sob esse ponto de vista, a arte-educação poderia exercer um papel de agente transformador na escola e na sociedade. (FUSARI e FERRAZ, 1993, apud VARELA, p.221).

A Arte é uma disciplina complexa, como já citamos anteriormente, e também integradora, não podendo se limitar a posturas e a encaminhamentos fechados. É importante que o professor com o compromisso de trabalhar Arte na Educação Básica mantenha uma postura interdisciplinar ao ensinar, mesmo convivendo com a realidade do currículo fragmentado. Se esse professor não assumir a Interdisciplinaridade, essencial para um bom trabalho, dificilmente conseguirá validá-lo na sua prática docente, deixando um vazio entre a teoria e a prática, entre o contextualizar e o fazer.

Trabalhar interdisciplinarmente requer esforço e mudança de atitudes. Para isso é necessário um trabalho de parcerias, com humildade, um dos princípios da Interdisciplinaridade. Para Barbosa (2003), o professor de Arte tem papel importante, mas ressalta que o professor dessa disciplina precisa estar atento ao fato de que não se faz Interdisciplinaridade usando suas habilidades em festividades, ilustrando textos de outras disciplinas, ou ensinando formas matemáticas via origami, pois “Arte tem conteúdo, assim como todas as outras disciplinas, e esse conteúdo deve ser respeitado e estimulado tanto quanto os outros.” (In: Barbosa, p.109-110).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho trouxe um pouco dos meus questionamentos e de outros pesquisadores, incluído algumas considerações, registradas em pesquisas realizadas cujas temáticas envolvem o ensino de Artes, de Música e Interdisciplinaridade na Educação Básica. Assim, é possível refletir sobre as hipóteses de entender o ensino da Arte, especialmente trazendo a Música, como um trabalho de relações entre linguagens ou como um processo de Interdisciplinaridade. A partir de leituras realizadas, das experiências vivenciadas em sala de aula e também de conversas informais com colegas professores que possuem o compromisso de trabalhar o conteúdo de Música nas aulas de Artes, apresentei como meu problema de pesquisa, conhecer a maneira como vem acontecendo o trabalho com Arte e Música em escolas de Educação Básica.

É factível apontar que as tendências pedagógicas do ensino da Arte associam-se à história dos movimentos artísticos e às relações da obra a partir de características sociais e culturais de época. No livro *A imagem no ensino da arte*, Barbosa (1991) já afirmava ser necessário articular as disciplinas que fazem parte das ações de ensino:

Quando falo de conhecer arte falo de um conhecimento que nas artes visuais se organiza inter-relacionando o fazer artístico, a apreciação da arte e história da arte. Nenhuma das três áreas sozinha corresponde à epistemologia da arte. O conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação. [...] Só um fazer consciente e informado torna possível à aprendizagem em arte (BARBOSA, 1991 apud MONTEIRO, 2005 p. 318)

Essa forma de ensino de Arte abrange os momentos mais importantes e os componentes básicos de articulações das Artes que são: a produção (fazer artístico) a observação (fruição), a análise conceitual, cultural, social e o julgamento de seu valor.

Para Rizolli, Martins e Mello (2012), a Arte parece ser um fenômeno potencialmente interdisciplinar desde sempre. Segundo os autores, o movimento da Arte “acentua a importância e os desafios da Interdisciplinaridade no mundo contemporâneo, constituindo-se num saber que relaciona saberes, que propõe o encontro entre o fazer e o teorizar e entre as humanidades e as ciências”, (RIZOLLI, MARTINS E MELLO, 2012, p.785) em complexas formas de imaginação mediando os universos da expressão humana.

No portal do Renascimento, Michelangelo Buonarroti, para aprender a figura, se aproximou dos médicos anatomistas. Enquanto isso, Leonardo da Vinci, para compreender a razão da natureza visível, buscou a competência dos cientistas óticos. Na efervescência modernista, Marcel Duchamp, para redefinir a arte, se instrui na cotidianidade, ainda que sintática-semanticamente. Por outros caminhos, Salvador Dalí, de modo a aludir a sua *paranoia crítica*, foge do real sensível para adentrar no labirinto da mente. Em tempos contemporâneos, Andy Warhol, para elogiar/criticar a indústria cultural, se transforma, ele próprio, numa celebridade. (RIZOLLI, MARTINS, MELLO, 2012, p.784)

A Arte é um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, sendo uma das formas de comunicação entre indivíduos, possibilitando a compreensão do mundo das culturas e do nosso, em particular. A concepção histórico cultural de aprendizagem associa a incorporação das tecnologias na prática pedagógica como instrumentos mediadores no aprendizado.

O Ensino de Arte está instituído na LDB 9.394/96 e em outros documentos legais, tendo como foco abordar e propor o desenvolvimento das linguagens artísticas, indicadas nos PCN: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, no contexto da Educação Básica. O que acontece é que, muitas vezes, o trabalho com as quatro linguagens artísticas não tem ocorrido na prática escolar. “[...] é onde a política é sujeita a interpretações e recriações é onde ela produz efeitos e consequências que podem representar mudanças e transformações significativas na política original” (MAINARDES, 2007, p. 30).

Com relação à Música, especificamente, é possível perceber que ela vem sendo trabalhada nas escolas conforme os dados das pesquisas revisadas. No entanto, o modo como essa linguagem está sendo desenvolvida caracteriza-se, principalmente, por atividades de canto e de audição. Ela está

ausente das práticas educativas efetivas e sequenciais, e isso vem ocorrendo durante muito tempo e em várias realidades, como vimos no decorrer deste trabalho. Cantar e ouvir/apreciar fazem parte da educação musical, mas não se constituem nas únicas propostas possíveis de se trabalhar Música na Educação Básica. O ensino do conteúdo Música na escola, nas aulas de Artes, deve ampliar o conhecimento e o aprendizado musical dos alunos, proporcionando a eles múltiplos contatos com essa linguagem.

A partir da aprovação da Lei 11.769/08, espero que a situação de escassez de práticas escolares efetivas e constantes com Música seja alterada. Porém, para que ocorra essa transformação, é preciso que os profissionais responsáveis pelo ensino de Arte nas escolas, busquem o conhecimento da Lei e discutam ações para implementá-la realmente nas suas práticas.

A Interdisciplinaridade é um fenômeno contínuo, que está em constante movimento. A Arte é um objeto de conhecimento dinâmico, de vida, de significados, de criação e de sensibilização. E a música se faz presente desde muito cedo em nossa vida, nascemos num mundo rodeado de sons. Durante a história da humanidade, ela esteve presente nas festividades, nos rituais, nos protestos, como uma forma de expressão e de comunicação. Assim é possível dizer que elas estão intimamente ligadas, se completam e se fundem. Trabalhar de forma interdisciplinar as aulas de Arte é necessário, pois não existe um efetivo ensino, se ele não proporcionar ao aluno a reflexão, a experimentação e a criação.

Somente a partir de mudanças de pensamento e de ações que levem em consideração as relações profundas na escola entre Arte, Música e Interdisciplinaridade, a Educação poderá se tornar significativa e transformadora.

Espero que este trabalho venha corroborar com outros pesquisadores e pessoas que buscam estar em constante formação e que acreditam ser sempre possível aprender.

REFERÊNCIAS

AHMAD, L.A.S. **Música no Ensino Fundamental**: a Lei 11.769/08 e a situação das Escolas Municipais de Santa Maria/RS . Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, 2011.

AMARAL, A. C. do. **Processo identitário do professor da arte do sudoeste do Paraná**: diálogos sobre o conteúdo música. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, 2010b.

ARROYO, M. **Políticas educacionais, arte-educação e educação musical**: um estudo na cidade de Uberlândia, MG. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 12, 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEM, 2003, p. 586-594.

BARBOSA, A. M. **A imagem no Ensino da Arte**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Companhia da Arte, 1998.

_____. **Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras**. Tradução de Sofia Fan. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BARBOSA, A. A. Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 105-110.

BELLOCHIO, C. R. **A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental**: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS, 2000.

DEL BEN, L. M. **Um estudo com escolas da rede estadual da educação básica de Porto Alegre/RS**: subsídios para elaboração de políticas de educação musical. **Música Hodie**, v. 5, n° 2, p. 65-89, 2005.

DEL BEN, L. M. et al. **Políticas educacionais e seus impactos nas concepções e práticas educativo-musicais na educação básica**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 16., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: Anppom, 2006. p. 1-6. 1 CD ROM.

DINIZ, L. **Música na educação infantil**: um *survey* com professoras da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre – RS. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS, 2005.

FAZENDA, Ivani (org). **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa, 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANZ, T. S. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas Oficina Editorial Ltda., 2003.

FRIGOTTO, G. Política e gestão educacional na contemporaneidade. IN: FERREIRAE.; OLIVEIRA, D. A. **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FURQUIM, A. S. dos S. **A educação musical em escolas municipais de Camobi - Santa Maria/RS**: um estudo com diretores. Monografia (Especialização) Curso de Especialização em Gestão Educacional, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, 2009a.

_____. **A formação musical de professores em cursos de Pedagogia**: um estudo das universidades públicas do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, 2009b.

GADOTTI, Moacir. **Interdisciplinaridade: atitude e método**. São Paulo: Instituto Freire, 2004.

GUERSON, Milena. **Ana Mae Barbosa e Luigi Pareyson – Um diálogo em prol de “re-significações” sobre ensino/aprendizagem de Artes-Visuais**. Disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/existenciaearte/Edicao/5_Edicao/ana_mae_brasosa_e_luigi_pareyson_milena_guerson_milena_guerson.pdf Acesso em Maio de 2013.

HIRSCH, I. B. **Música nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio**: um *survey* com professores de Arte/Música de Escolas Estaduais da Região Sul do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado)

Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, POA/RS, 2007.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

MAINARDES, J. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para análise de políticas educacionais. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, São Paulo: Cedes, v. 27, n° 94, p. 47-69, jan/abr 2006a.

_____. A abordagem do ciclo de políticas e suas contribuições para a análise da trajetória de políticas educacionais. **Atos de Pesquisa em Educação**, PPGE/MEFURB, vol. 1, n°2, p. 94-105, maio/ago 2006b.

_____. **Reinterpretando os ciclos de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2007.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, M.C. **A proposta triangular de artes**: resumo das pesquisas. Contrapontos - volume 5 - n. 2 - p. 317-325 - Itajaí, mai./ago. 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

PACHECO, E. G. **Educação musical na educação infantil**: uma investigação-ação na formação e nas práticas das professoras. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, 2005.

PENNA, M. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **Revista da ABEM**, vol. 7, n°7, p. 7-19, Porto Alegre/RS, set. 2002.

_____. A orientação geral para a área de arte e sua viabilidade. In: PENNA, Maura (Coord.). **É este o ensino de arte que queremos?** uma análise das propostas dos parâmetros curriculares nacionais. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p. 31-55.

_____. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RIZOLLI M., MARTINS M.C.F.D , MELLO R.L.S. **Arte e interdisciplinaridade**: um convite à partilha. In: Anais da ANPAP. Disponível em:

http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/marcos_rizolli_regina_lara_e_mirian_celeste.pdf> acesso em: maio de 2013

SEBBEN, E. E. **Concepções e práticas de música na escola na visão de alunos da 8ª série do ensino fundamental**: as contradições entre o legal e o real. Dissertação (Mestrado sem Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Ponta Grossa/PR, 2009.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

SPANAVELLO, S. S. **A educação musical em quatro municípios da Quarta Colônia de imigração italiana**: um estudo sob a óptica de suas Smeds. Monografia (Trabalho de Conclusão de Graduação), Curso de Graduação em Pedagogia, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, 2008.

SUBTIL, M. J. D. Educação e arte: dilemas da prática que a escola pode explicar. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa/PR, v. 4, n° 2, p. 185 -194, jun./dez. 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOLFFENBÜTTEL, C. R. **A inserção da música no projeto político pedagógico**: o caso da rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, 2009.